

Josenildo José da Silva

FREUD E O FENÔMENO RELIGIOSO, UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Nome: Josenildo José da Silva

Titulação: Doutorando

Instituição: Universidade Católica de Pernambuco

Resumo:

O tema sobre o fenômeno religioso tem se apresentado muito em voga em nossos dias. São muitas as experiências feitas em nível individual e também em nível coletivo no âmbito da religião.

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar o estudo freudiano do fenômeno religioso, segundo os conceitos psicanalíticos de *ilusão* e de *desamparo*. Partindo, pois, da análise de alguns textos da obra de Freud, referentes à temática da religião, buscaremos alcançar uma maior compreensão da relação que se pode estabelecer entre a teoria psicanalítica e os elementos que fundamentam tal fenômeno.

Faremos, portanto, uma leitura histórico-crítica-interpretativa do pensamento de Freud, naquilo em que o mesmo se refere à temática da religião como sendo uma *ilusão enganosa* e consequência das vivências primeiras do *desamparo*.

Tendo, pois, presente a dinâmica própria à Psicanálise, de ser uma teoria sempre aberta e em crescimento, apresentamos, nas considerações finais desta nossa pesquisa, a intuição de que a afirmação de Freud sobre o fenômeno religioso pode ser encarada mais como uma provocação à reflexão, e não como algo definitivamente fechado a possíveis questionamentos e acréscimos teóricos.

Finalmente, à luz dos esclarecimentos psicanalíticos, buscaremos indicar a possibilidade de que o fenômeno religioso seja encarado como um elemento psíquico que, dada a sua forte incidência no momento atual, deve ser considerado como um aspecto que pode favorecer a estruturação ou re-estruturação da subjetividade e, portanto, como fator importante no entendimento do psiquismo humano.

O fenômeno religioso faz parte do conjunto de elementos que estiveram e estão sempre presentes na história humana. Portanto, podemos afirmar que, do ponto de vista antropológico, não se pode conhecer verdadeiramente a pessoa, sem que façamos referência à sua dimensão religiosa (quando mencionamos aqui a dimensão religiosa estamos tratando da abertura que existe no ser humano para o outro que está além dele e que pode ser nomeado como Deus, mas também pode ser percebida como um compromisso ético, uma responsabilidade de solidariedade...).

A partir do momento em que o ser humano começou a questionar a respeito da sua condição pessoal e da realidade na qual se encontrava imerso, se deparou com algumas questões frente às quais não encontrava respostas claras. Vale salientar, no entanto, que o fato de não poder explicar detalhadamente alguns acontecimentos não gerou nele sentimentos de angústia ou impotência (o que seria de se esperar). Na busca de responder às suas inquietudes, identificou a religião como uma instância na qual pôde encontrar possíveis caminhos que o ajudasse a solucionar suas dúvidas. Aqui se encontra, portanto, a importância da temática religiosa.

Aqui nos propomos analisar o fenômeno religioso de acordo com a visão psicanalítica freudiana e, mais especificamente, na obra *O futuro de uma ilusão*¹. Intentamos compreender, com maior clareza, o que Freud pensava sobre a religião e o porquê

¹ Freud trabalha o tema da Religião em muitos outros textos, além de *O futuro de uma ilusão*. E podemos identificar ainda uma mudança na sua visão de fenômeno religioso quando confrontamos tais escritos, isto é, sua análise da religião em *Moisés e o monoteísmo* (1937), revela-se bem diferente daquela que ele desenvolve em *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927) e, ainda, em *Mal-estar e civilização* (1930). Ali, ele identifica no fenômeno religioso, não como uma neurose obsessiva, ou o fruto de uma ilusão ou resposta ao estado de desamparo, no qual se encontra o ser humano frente à natureza, mas reconhece o seu caráter possibilitador de uma ética e de uma espiritualidade para o povo judeu e para a forjadura de sua identidade cultural.

do seu grande interesse por este tema, uma vez que o mesmo Freud sempre fazia questão de se declarar como um ateu convicto.

Procederemos, portanto, da seguinte forma:

Aprofundaremos brevemente o contexto social e religioso, no qual se encontrava Freud, procurando identificar possíveis elementos que pudessem contribuir para a sua consideração da religião como uma neurose obsessiva ou como uma ilusão enganadora.

No segundo momento, nossa intenção será a de nos debruçarmos mais detalhadamente sobre a obra escolhida *O futuro de uma ilusão* situando-a na realidade histórica em que ela foi elaborada. A ideia do desamparo será crucial para a nossa compreensão do pensamento de Freud sobre a religião e, por isso, nos deteremos um pouco mais sobre esta vivência do desamparo.

Finalmente, teceremos algumas considerações a respeito da insuficiência do aprofundamento reflexivo do tema da religião nos escritos freudianos, que julgamos como um fator que, longe de nos limitar a uma visão empobrecida de tal fenômeno, se apresenta como algo como que provocador de novas pesquisas e descobertas. Isso o faremos em consonância com a dinâmica metodológica própria ao saber psicanalítico, que no presente trabalho tomamos como referência. (Metodologia em espiral, onde nos parece que uma afirmação contradiz a outra, mas na verdade é como se amalgamassem as duas afirmações e desse um passo à frente)

SIGMUND FREUD: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL E RELIGIOSO

Sigmund Freud é conhecido por ser o fundador da Psicanálise, mas também por sua postura frente ao fenômeno religioso, que ele considera como uma “neurose obsessiva da humanidade”, ou ainda, como uma ilusão enganadora do ser humano por prometer algo que não lhe pode conceder.

No entanto, verifica-se algo em seus escritos, que num primeiro momento aparenta uma profunda contradição, isto é, o seu grande interesse pelo fenômeno religioso. Por que alguém que se apresenta como um descrente e ateu convicto manifestou tanto interesse por algo a que não concedeu nenhum crédito? A resposta pode ser encontrada no fato de Freud ser um verdadeiro estudioso, pesquisador do ser humano. Na verdade, Freud mantém, em toda a sua existência, um vivo interesse por tudo o que se refere à dimensão antropológica. Entre os elementos presentes na história humana encontra-se em evidência o aspecto religioso que, por isso, atraiu a sua atenção, merecendo dele várias referências ao longo da vasta obra que escreveu e, mesmo, estudos específicos referentes à temática religiosa².

Ernest Jones, um dos seus principais biógrafos, diz, a respeito de Freud que “ele tinha uma verdadeira paixão por *compreender...* Sua inteligência recebeu uma tarefa da qual ele nunca se esquivou...” (1989, vol. 1, p. 27). Freud desenvolveu a

² Começando em 1897, na sua correspondência com Fliess, na qual expõe suas descobertas sobre os mitos; em 1907, Freud escreve o seu primeiro texto diretamente relacionado ao tema da Religião *Atos obsessivos e práticas religiosas* (onde ele faz uma analogia com o comportamento dos neuróticos e os rituais religiosos: a compulsão à repetição, o sentimento de culpa...), depois temos, em 1913, *Totem e tabu* (onde ele trata da psicogênese da religião: o mito da horda primeva e o parricídio); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O mal estar na civilização* (1930); *até chegar a Moisés e o Monoteísmo* (1938), obra concluída pouco tempo antes de sua morte.

atitude do pesquisador, do cientista que, para além de suas concepções pessoais, não se esquivava de se debruçar sobre qualquer aspecto que lhe venha proporcionar um maior conhecimento do objeto principal de seus estudos, ou seja, a realidade humana, em sua dimensão psíquica. (Pode-se perceber aqui a influência do espírito iluminista sobre Freud).

Podemos ainda identificar na própria história pessoal de Freud outros elementos que o influenciaram de modo persistente na sua busca de compreensão do fenômeno religioso. Vale a pena destacar alguns: o fato de pertencer ao povo judeu (ainda que sua família não praticasse efetivamente a religião judaica) já nos concede uma compreensão melhor de seu interesse pelo sagrado, uma vez que este povo é profundamente marcado pela realidade religiosa na construção de sua identidade.

O próprio contexto religioso da cidade em que nasceu e morou nos primeiros anos de sua infância, Freiberg, predominantemente dominada pela fé católico-romana (composta de apenas 2% de protestantes e 2% de judeus), possivelmente deve tê-lo marcado. Os biógrafos de Freud ressaltam também a influência de sua babá, uma mulher católica que sempre o levava às Missas e lhe falava da realidade do inferno.

Finalmente, vale a pena registrar como algo verdadeiramente importante para entender a visão religiosa de Freud, o contexto cultural da cidade de Viena, na qual Freud se estabeleceu com a família, após a sua migração da região da Morávia (após os três anos de idade). O quadro social, no qual ele se encontrava imerso, era marcadamente negativista. O clima vivido é de desapontamento, de incertezas e de falta de esperança quanto ao futuro. Ao mesmo tempo, verifica-se nas pessoas um premente desejo de transformação e de mudanças.

Neste ambiente, alguns identificavam a religião como um caminho de apaziguamento interior frente às ameaças externas; outros buscavam resposta na arte e havia, ainda, aqueles que procuravam encontrar soluções para as dúvidas cruciais no desenvolvimento da ciência.

O FUTURO DE UMA ILUSÃO

Na obra *O futuro de uma ilusão*, de 1927, Freud não mais se aterá ao aspecto da psicogênese religiosa, como o fez, em 1913, quando escreveu o livro *Totem e Tabu*. Questionará, então, “qual é, então, a significação psicológica das ideias religiosas e sob que título devemos classificá-las?” (1927/ 1996, p. 34). Sua preocupação foi identificar a natureza mesma da crença religiosa, procurando responder o que ela vem a ser numa perspectiva psicológica; desvendando a origem de sua alta estima para o ser humano, e, ainda, questionando o seu real valor para o mesmo.³

No livro, Freud abordará a existência humana como algo que se constitui numa contínua tensão, num permanente conflito entre possibilidades. O homem, pois, apesar de sentir como peso, quase insuportável, os sacrifícios exigidos pela civilização (= cultura), sabe-se, ao mesmo tempo, incapaz de viver no isolamento.

Está, portanto, fadado a viver no estado de “frustração” por não poder ver satisfeitos os seus instintos, estado de “proibição” frente às normas que lhe são impostas pela dita civilização e, conseqüentemente,

³ Desde as mais primitivas comunidades, sempre existiram indivíduos que afirmaram ter passado por experiências religiosas... É inegável, que o crente associa a imagem de Deus à de um pai protetor e bondoso. Freud afirma que isto faz parte da própria natureza psíquica do homem que, devido à

estado de “privação”, pois se sente impedido de realizar-se como realmente desejaria.

Mas como manter um sistema que supõe o contínuo estado de insatisfação nos seus membros? Freud atinou para esse problema: “Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura” (1927/ 1996, p. 22). As renúncias instintuais, exigidas pela formação da cultura, geram uma pressão sobre o homem. No entanto, não estando sozinho no mundo, sofreria as consequências desta “anarquia moral”, pois, ele mesmo seria empecilho para a realização e satisfação dos desejos de outros.

A cultura surge, portanto, tendo como finalidade central a defesa do homem frente à natureza, em seu estado original. Todas as suas criações e invenções estão sempre direcionadas no sentido de tornar a vida humana mais confortável e menos ameaçadora. Pensar em vitória absoluta do mundo civilizado sobre o estado natural seria uma pretensão ingênua, como afirmou Freud:

Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho da civilização. (1927/1996/, p. 25).

Neste ponto do seu escrito, Freud denominou as ideias religiosas como “o mais importante elemento do inventário psíquico”. É interessante notar que ele

sua fragilidade diante da morte e da natureza, precisa recorrer a alguém que o acalente e lhe confirme que há sentido em sua vida. Além do mais, o ser humano, como ser pulsional, deseja realizar sua fantasia de onipotência: ser eterno e realizar todos os seus desejos.

“Foi assim que se criou um cabedal de ideias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana” (Freud, 1939, p.30).

indicou a insuficiência do trabalho cultural diante da natureza, em sua força mais primitiva e originária, que sempre está a recordar ao ser humano a sua condição constitutiva, ou seja, a sua finitude. Ou, como ele mesmo escreveu, *o doloroso enigma da morte*. Para todo o resto, o ser humano sempre encontra alguma saída, ainda que paliativa: reconstrói casas; represa águas, evitando inundações; inventa instrumentos que lhe possibilitem um maior controle do clima e de possíveis catástrofes... mas diante da morte ele subjaz passivo, inerte, desamparado.

No desamparo, a presença do Pai

A ideia fundamental de Freud (1927) sobre a origem do sentimento religioso encontra-se ancorada na vivência infantil que todos experimentamos de total desproteção e desamparo. Freud, em *O futuro de uma ilusão*, discorreu sobre esta experiência de pequenez e impotência que o homem faz diante das forças da natureza, as quais se manifestam como algo espantoso e incontrolável. Diante da natureza o ser humano se percebe indefeso, porém, não mais paralisado ou desvalido, pois, ele pode se proteger de vários modos, ainda que as maneiras que encontra, muitas vezes não sejam suficientes para livrá-lo de suas consequências nefandas.

Diante da experiência “fascinante e tremenda” da natureza não controlável, o homem revive algo que não lhe é novo. Ele já se encontrou frente a situação semelhante: “como crianças de

tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temê-los, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos” (FREUD, 1927/1996, p. 26).

Para Freud, é essa experiência de desamparo que serve como base ao ser humano para a constituição de *suas ilusões religiosas*. Frente às incertezas geradas pelo avassalador poder dos acontecimentos naturais, sobretudo, do medo da morte que lhe está sempre em companhia, tal como acontece em sua experiência onírica – segundo Freud – o homem atenua a angústia gerada pela impotência sentida, frente à falta de controle da natureza, transformando-a por meio de um processo de paternalização: deuses são gerados com a função de proteger; explicações míticas são elaboradas, no intuito de conferir sentido ao que se manifesta de modo fantástico. Enfim, para não sucumbir ao desespero, confecciona-se, no dizer freudiano, todo um aparato religioso que proporciona à humanidade um sentimento de segurança e de felicidade, pois, tal como na mais tenra infância, não se está mais fadado ao destino imposto pela condição mortal. Destino este triste e desesperador, porque inexorável.

A experiência de desproteção, portanto, re-vivida pelo ser humano diante das forças incontroláveis da natureza, o faz passar novamente pela experiência dos mesmos sentimentos infantis de medo, insegurança, ausência.

A religião não é somente uma resposta ao desamparo provocado pela impotência vivida em confronto com a selvagem natureza do mundo externo, mas, deve-se frisar, como proteção diante dos sentimentos íntimos e profundamente negativos da vida psíquica. A formação, então, do fenômeno religioso é como

que uma tentativa de resposta do ser humano no intuito de amenizar a sua angústia gerada pelo sentimento de desamparo e também de culpa.

Quando, pois, Freud definiu a religião como uma neurose infantil, estava ele se reportando ao desamparo original experimentado pela criança ao nascer e, também, ao desamparo re-experimentado pelo homem, frente às situações desamparadoras, impostas pelos incontrolláveis acontecimentos provenientes da natureza. São, portanto, as influências das suas primeiras vivências infantis que estão a lhe ajudar a forjar respostas ao semelhante desamparo que hora ele vive.

Esta vivência, como afirma Freud, está presente na inteira vida do ser humano: “O desamparo do homem, porém, permanece e, junto, com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses” (1927/ 1996, p. 26).

O desamparo, então, se constitui como elemento fundante de muitas outras experiências da vida do homem. O encontrar-se desamparado, em muitos momentos de sua vida, faz com que o indivíduo, pouco a pouco, vá se dando conta deste elemento que desde muito cedo esteve presente em sua vida não como algo acidental, mas como algo constitutivo.

Os escritos freudianos sobre o fenômeno religioso estabelecem, portanto, uma ligação entre o complexo paterno, a situação de desamparo e, conseqüentemente, a necessidade que nasce no coração do ser humano – criança ou já adulto – de ser protegido. A religião, então, surge com as características próprias de uma resposta infantil frente a uma experiência de medo, de desamparo, de desproteção. Portanto, com os avanços inevitáveis da ciência, e com o acesso das pessoas a um nível

sempre maior de conhecimento ela – a religião – acabará por sucumbir a uma natural dissolução. O que, no dizer de Freud se constitui num processo ininterrupto (FREUD, 1927/ 1996, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Freud, a religião teve uma finalidade, mas diante da evolução da ciência, ela deverá ceder o seu posto a algo mais concreto e mais digno do crédito das pessoas. Como a re-vivência de uma etapa infantil deverá ser deixada para trás. Em dado momento da história humana cumpriu o papel de possível resposta ao desamparo sentido pelo homem, como uma maneira de apaziguar seus temores e inseguranças diante da força brutal e incontrolada da natureza.

É perceptível, então, que Freud ao mesmo tempo em que destronou a religião de sua posição de *Weltanschauung*, elevou a razão, o *logos* à condição divina. Ela se torna resposta para tudo. Nesta linha de pensamento, então, questionamos: Também o saber científico não possui, não se apresenta como uma visão de mundo a ser aceita, ainda que provisoriamente, como resposta aos desafios que se apresentam à vida humana? Também a ciência não falha nas suas intervenções frente às ameaças experimentadas diante da incontrolável força da natureza?

Parece-nos que essas indagações podem encontrar um caminho de respostas numa reflexão mais aprofundada sobre a experiência do desamparo como realidade fundante e estruturante de nossa subjetividade, porque experiência constitutiva de nossa humanidade. O que queremos indicar, portanto, é que Freud é bastante assertivo e coerente quando indica o desamparo como fator que proporciona no ser humano a busca de respostas para o sentimento de angústia que o

persegue constantemente. Também é verdadeiramente legítima a sua crítica à forma religiosa que se apresente como uma resposta cabal às interrogações e inquietações do homem. Não existe uma resposta absoluta! Não é possível fechar o

“círculo humano” e torná-lo completo, sem que se lhe negue a condição mesma de “ser humano”. Ou seja, o ser humano é, em si mesmo, faltoso e, portanto, incompleto, inquieto e desamparado. E esta sua condição não é um defeito, mas um elemento de sua constituição.

Será que a Freud não faltou uma visão de religião mais ampla e menos dependente da experiência concreta que o mesmo viveu em seu tempo? Não terá sido ele mesquinho por demais na sua afirmação sobre a religião como uma neurose infantil e obsessiva? Ou ainda, não terá ele, com os seus escritos, apenas provocado a reflexão e o aprofundamento sobre este tema que sempre lhe foi caro?

Concluo, finalmente, com uma citação do próprio Freud em uma carta escrita a Oscar Pfister, pastor protestante, com quem manteve longos anos de correspondência a respeito da relação entre a Psicanálise e a Religião:

A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de ideias (2009, p. 25).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. **O enigma da religião.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia & saúde mental.** PortAlegre: Artmed, 2008.
- DAVID, Sérgio N. **Freud & a religião.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- DOLTO, Françoise; SÉVÉRIN, Gérard. **A fé à luz da psicanálise.** Campinas, SP: Verus Editora Ltda., 2010.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa.** São Paulo: Paulus, 2008
(3ª. Ed.)
- FREUD, Sigmund. (1913/ 1996) Totem e tabu. In: **Obras completas** (vol. 13). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1927/ 1996) O futuro de uma ilusão. In: **Obras completas** (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1930/ 1996) O mal-estar na civilização. In: **Obras completas** (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1933/ 1996) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. A questão de uma *Weltanschauung*. In: **Obras completas** (vol. 22). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1939/ 1996) Moisés e o monoteísmo. Três ensaios. In: **Obras completas** (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Ernst; MENG, Heinrich (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a Psicanálise e a fé cristã.** São Paulo: Ultimato Editora, 1998.
- FRAZER, James George. Sobre totemismo e tabu. In: FADIMAN, C. **O tesouro da enciclopédia britânica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 95-100.
- GAY, Peter. **Um judeu sem Deus.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

JULIEN, Philippe. **A psicanálise e o religioso**. Freud, Jung, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia. Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *In* **Síntese – Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 331-346, 1999.